



Pesquisador revela história oculta da bibliofilia brasileira e estórias de colecionadores contemporâneos

# HOMENS QUE AMAM OS LIVROS

Naiara Leão Repórter · Revista DARC  
Emília Silberstein Fotógrafa · Revista DARC

É difícil encontrar um lugar para se sentar no escritório de Oto Reifschneider. Cadeiras, mesa, escrivaninha e chão estão abarrotados de livros, gravuras e obras de arte. Nos cantos, carancas de olhar atento e dentes afiados vigiam imóveis 5 mil títulos sobre a história do livro brasileiro. Para este historiador de 33 anos, o hábito de colecionar livros raros e notáveis, chamado bibliofilia, começou na adolescência. Desde então, ele percorre sebos e sai em viagens observando aspectos como tipo da letra, qualidade do papel e anotações à mão que denunciem exemplares especiais. Há alguns anos, passou a buscar também outros homens que amam livros. Mapeou 71 bibliófilos no país, que lhe deram um retrato do colecionismo contemporâneo e o conduziram a um levantamento inédito da história da bibliofilia do Brasil. O resultado do caminho percorrido é sua tese de doutorado na Faculdade da Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

O bibliófilo mais conhecido do país, José Mindlin, morreu em 2010. Em vida reuniu cerca de 38 mil volumes sobre história do Brasil que lhe renderam popularidade e honrarias, como uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, mas desde que Mindlin se foi, não se ouve mais falar num grande bibliófilo. "Talvez porque nenhum tenha vivido o suficiente ainda para despontar com a grande coleção brasileira", especula Oto. "Alguns são discretos, não gostam de aparecer, mas muitos estão aí, formando uma rede de trocas comerciais e culturais", garante. Passando por Brasília, Fortaleza, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Porto Alegre, Oto gravou entrevistas formais com 23 bibliófilos, cinco livreiros, dois editores de livros, um escritor, um artista plástico e um bibliotecário. Falou ainda com outros 16 bibliófilos e cinco livreiros, de Catanduva (SP) a Nova Iorque.

Nesse vaivém conheceu coleções particulares que o deslumbraram, tanto pelo valor monetário e histórico quanto pela meticulosidade com que são adquiridas e conservadas. Suas conversas, registradas na tese, derrubam o estereótipo do bibliófilo velho e avaro, recluso numa biblioteca. Mostram pessoas comuns, navegando pela internet em busca de catálogos e leilões, capazes de blefes e pequenas trapaças por um exemplar raro, mas que se ajudam, trocam livros e experiências e, vez ou outra, exibem suas conquistas. Eles se aproximam pelo amor aos objetos e pela convicção de que estão mais bem preservados em casa do que em bibliotecas públicas.

O estudo também descortina a história da bibliofilia brasileira, praticamente oculta até agora. "Quando comecei, várias pessoas me indicavam os mesmos 20, 30 livros sobre história da bibliofilia. Descobri que há centenas sobre o assunto, mas eram desconhecidos. Muitas pessoas não escreveram sobre sua vida e seus acervos foram jogados no lixo", conta Oto. O que existia, segundo ele, eram registros isolados, fragmentados em causos, diários e livros de memória. Ninguém ainda tinha se dedicado a reunir e contar a história de bibliófilos que vão desde o imperador D. Pedro II ao ator Paulo Betti. "A memória é muito efêmera, as histórias estavam se perdendo. Você tem uma figura de destaque, que constrói uma grande biblioteca na sua época e, de repente, tudo se esvai. Agora, se já é complicado chegar às pessoas vivas, imagina como é identificar isso no passado", diz. Na avaliação do orientador Antonio Miranda, professor da UnB e ex-diretor da Biblioteca Nacional de Brasília, esse é o primeiro levantamento historiográfico de peso sobre o tema. "Oto entrevistou grande colecionadores e conseguiu revelar e mapear não só livros em si, mas ilustradores e editores. Ele praticamente pautou a história da bibliofilia brasileira. Não existe nenhum levantamento tão completo", afirma. O pesquisador prepara agora o lançamento de um livro em dois volumes baseado na tese: um sobre o passado e outro sobre os colecionadores atuais.

## QUEM SÃO

Pela etimologia, o bibliófilo é um amigo dos livros. Amizade exige dedicação, compreensão, conversa. Por isso, para tornar-se um deles não basta juntar muitos livros, sejam novos ou antigos. De acordo com o estudo, o bibliófilo pra valer reúne três características: atração pelo objeto, pesquisa sobre sua



## JORGE BRITTO

O livreiro Jorge Britto passou a infância em Fortaleza cobiçando livros que não podia comprar. “Lá tinha os sebos de calçada, nas ruas em que não anda gente, só carro. Minha família era muito humilde e não podia pagar, então eu ficava em volta, só olhando”, lembra.

Sem dinheiro e sem emprego, Jorge veio para Brasília em 1979 para tentar a vida. Em pouco tempo se estabeleceu como bancário e resolveu realizar o sonho de criança. Comprou muita coisa, boa parte sobre a terra natal, e chegou a montar até um sebo de nome pomposo, “O maior e mais completo sebo do Brasil”.

A última livraria que montou, o “Armazém do Livro Usado”, está sob o cuidado do filho. Jorge se ocupa apenas da organização do

encontro de bibliófilos que acontece semanalmente ali há quase 30 anos e cuida de seus exemplares. São 6 mil só na biblioteca cearense. Há cerca de outros 4 mil volumes sobre Brasília e a história do espiritismo no Brasil. Toda semana chegam mais. “Ver não satisfaz o colecionador. Ele tem que ter a posse. Lá em casa a gente vive brigando. Minha mulher bota uma planta, eu tiro e boto um livro no lugar”, brinca.

Depois de anos colecionando, Jorge conclui que sua vida não poderia ter sido diferente. “Conheço muita gente que tentou colecionar, mas depois desistiu. O amor ao livro nasce com a pessoa. Você não aprende. É um sentimento.”

história ou conteúdo e investimento de tempo e de dinheiro. “Todo colecionador se importa, em maior ou menor medida, com esses três aspectos. Quem se preocupa apenas com o aspecto monetário, é comerciante ou investidor. Quem trabalha apenas com a pesquisa, com o conhecimento, é estudioso. Quem é tomado pela compulsão, pelo impulso, pela busca desenfreada, é maníaco”, diz Oto.

Na pesquisa, ele listou apenas os que se enquadram nessa definição, dedicados a formar coleções notáveis. Mas é verdade que, vez ou outra, uma dessas características se sobressai. O engenheiro civil Petrucio Glabrio guarda quase 50 mil volumes em dois depósitos construídos especialmente para esse fim no quintal de casa. Seu prazer está em adquirir. Ele se declara, não bibliófilo, mas “apaixonadíssimo”. Petrucio é membro de um grupo que se reúne aos sábados de manhã no Armazém do Livro Usado, em Brasília, sob a liderança do bibliófilo e livreiro Jorge Britto. Ali, nem todos são bibliófilos tradicionais, mas certamente são amigos dos livros. Renato Sócrates garante que é membro da quinta geração de Tiradentes e prova tudo com livros de genealogia. A professora aposentada Marli Elena Macedo diz ter uma biblioteca tão grande que precisaria “viver uns 20 mil anos para ler tudo”, mas ultimamente tem preferido trocar cartas com o netinho. Numa delas, escreve que “ler é ter aquele poder mágico de viajar no tempo”. O advogado Renato Vivacqua, autor de livros sobre música popular brasileira, faz o tipo pesquisador. “Não tenho samba no pé, não sei assoviar, não toco nem caixa de fósforo, então a única maneira de ficar perto da música foi ler e escrever sobre ela”, conta.

O encontro dos sábados acontece há 30 anos e foi batizado pelo diplomata Rubem Amaral de “Sebodoyle”, em homenagem ao “Sabadoyle”, que reunia semanalmente na casa do bibliófilo Plínio Doyle literatos como Raul Bopp e Carlos Drummond de Andrade. Rubem é bibliófilo de acordo com os critérios estabelecidos por Oto. Coleciona poesia épica e cordel. Diferenças à parte, todos ali têm fala rápida e se engajam com agilidade e propriedade em qualquer discussão. Coisa de quem lê muitos livros.

### O QUE E POR QUE PROCURAM

Nos anos 1980, o Lago Norte, em Brasília, era um bairro paticamente deserto. Entre uma e outra casa esparsa, o menino Oto fazia expedições em busca de pedrinhas de quartzo, que tentava entender com a ajuda de um livro de gemologia. Com o passar dos anos vieram selos, moedas e, nos anos em que morou na Itália, cacarecos de sítios arqueológicos romanos. Na adolescência, chegaram os livros.

A vontade de colecionar, não importa o que, é comum a muitos bibliófilos. Mas as coleções de livros têm uma particularidade: a admiração, o encantamento pelo objeto. “Tem aquele componente do fetiche e quando a gente está de fora parece meio patológico, mas depois que virei colecionador vi que não é isso. Trata-se de descobrir nos livros certos valores que a gente só sente com ele em mãos”, explica o arquiteto Danilo Macedo, dono de 2 mil livros sobre arquitetura. “Você pensa: ‘Será que o próprio autor não leu esse exemplar? Por quais mãos ele passou?’ Você lida com um objeto cuja matéria te conecta a outro tempo”.

Dedicatórias, anotações do autor ou de pessoas famosas, boa conservação, tiragens pequenas e impressões especiais e marcas de antigos proprietários (chamadas *ex-libris*) são alguns desses elementos de conexão. Enchem os olhos de bibliófilos e, junto com a disponibilidade no mercado, determinam o preço de uma obra. Segundo Oto, na busca do livro raro, “é muito mais valioso conhecimento e tempo do que dinheiro”. Ele conta que o bibliófilo que sabe identificar obras raras, está disposto a vasculhar sebos, catálogos internacionais e leilões e não busca temas muito populares, geralmente se dá bem. Há algum tempo, Oto comprou uma série da revista *Invenção*, com publicações originais de poetas como Augusto de Campos e Décio Pignatari, por R\$ 100. Hoje, os concretistas estão em voga e o material vale R\$ 5.000. O lucro nem lhe passa pela cabeça. “O que faria com o dinheiro? Compraria mais livros?”

Assim como os demais, esse também é um mercado regido pela lei da oferta e da procura. Os livros mais caros não são necessariamente os mais raros, mas os de temas e autores cobiçados. “Literatura



## DANILO MACEDO

“Acho que o Oto quis que você me conhecesse para ver que existem bibliófilos normais”, diz o arquiteto Danilo Macedo, ao receber a reportagem da DARC. O perfil de servidor público, jovem, casado, pai de uma menina e morador do Plano Piloto confirma, à primeira vista, a impressão de normalidade. Mas alguns minutos de conversa revelam o que Danilo tem de incomum.

Em 2009, ele conheceu os livros raros, enquanto procurava um tema de pesquisa para o doutorado. Gostou tanto das obras que encontrou que tornou-as objeto de pesquisa. Atualmente, elabora uma tese na UnB sobre livros de arquitetura no Brasil Colônia e no Império. Em sua estante estão cerca de 3 mil raridades como o primeiro livro de arquitetura escrito por um brasileiro, editado em Lisboa, em 1770.

Ele conta que duas manias características da profissão auxiliam seu lado bibliófilo.

A primeira é o gosto pela organização de tarefas e materiais em listas, de forma sistematizada, o que lhe ajuda na catalogação. A segunda é a paixão pela forma. “Ler um livro é muito diferente de ler um texto digitalizado. Há valores no suporte do papel, histórias que não estão escritas com palavras. A forma traz conteúdo e o conteúdo está na forma. Eles estão imbricados”, explica.

Ao folhear páginas, Danilo se sente em contato com outros homens, de outros tempos, que também tiveram aqueles livros em mãos. “Ele é bem mais velho que você. E se for bem cuidado, vai durar mais do que você. Por isso, me sinto obrigado a ler, me aprofundar na sua história para ser merecedor desse objeto”, afirma. É na consciência de que deve ser digno dos objetos que guarda que mora a singularidade desse arquiteto.

### ■ EU FAÇO CIÊNCIA

**Quem é o pesquisador:** Oto Reifschneider (foto na pag. 26) se formou em História pela UnB em 2002. Também concluiu o mestrado em Sociologia (2005) e o doutorado em Ciência da Informação (2011) na Universidade.

**Título da dissertação:** *A bibliofilia no Brasil*

**Onde foi defendida:** Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

**Orientador:** Antonio Lisboa Carvalho de Miranda

brasileira é sempre procurada; Machado de Assis está sempre em alta, um livreiro me disse que é o único autor em que não há variação de procura; e tem os temas da moda que agora são poesia marginal, modernista e concreta”, enumera o historiador. Os mais caros, como registros de viajantes no período colonial, chegam à casa dos R\$ 50 mil. Oto ressalta, no entanto, que esse é um caso singular e que em geral é possível adquirir bons livros por poucos trocados.

Seus entrevistados contam várias histórias de pechinchas e golpes de sorte. O bibliófilo Écio Macêdo, um dos mais importantes do país, que coleciona literatura nacional pós-moderna, narra uma recente. “Eu fiz uma seleção e o livreiro não punha preço nos livros. Tinha muitas coisas do concretismo que eu nunca havia visto na minha vida, muito raras. Ai ele foi separando em montinhos e os do concretismo ele ia pondo tudo num canto e eu falei: ‘lh, esse cara vai me esfolar aqui’. Sabe quando começa a dar aquela dor na barriga?. Falei: ‘Ai, ele vai explorar’. Então ele disse: ‘Essa fila é R\$ 100, essa é R\$ 50, essa é R\$ 30 e aquele lotinho ali, do concretismo, é de presente’ ”.

### SEQUESTRADORES OU GUARDIÕES?

Ao mesmo tempo que preserva uma obra para que ela se mantenha viva para gerações futuras, o bibliófilo a mantém em coleções privadas, com acesso restrito já no presente. Seriam eles sequestradores de livros em circulação ou guardiões de tesouros desprotegidos? O estudo de Oto apresenta uma série de fatores que aponta para a segunda opção.

O primeiro deles é que bibliófilos costumam permitir o acesso de pesquisadores e divulgar seus textos por meio de *fac-símiles* ou digitalizações. Antonio Miranda, orientador de Oto, possui dez mil títulos, a maioria de poesia brasileira. Boa parte pode ser consultado em sua página na internet, com opções de busca por autor, título e tema e até ilustrações e traduções. Ele também publica bibliografias do tema. Mas admite que nem todos os colegas têm essa boa vontade. “Muita gente não deixa ninguém ver, têm medo de serem roubados”, diz Miranda.

O segundo fator que ressalta o caráter guardião é o pavor que eles têm de que suas coleções caiam em bibliotecas públicas após sua morte. “Bibliófilos mais informados, donos de importantes acervos, preferem vender seus livros para livreiros, consigná-los em leilões, ou distribuí-los entre amigos do que fazer doações a instituições públicas”, diz Oto.

O motivo do medo é o descaso histórico do governo com coleções públicas. O levantamento do pesquisador mostra desde o abandono de bibliotecas por jesuítas em 1759, quando foram expulsos do país até casos de coleções preciosas das quais nunca mais se teve notícia. O Ministério da Justiça, por exemplo, ainda não catalogou e disponibilizou ao público os 15 mil volumes de Affonso Penna Junior que recebeu em doação nos anos 1970. Entre eles, estão livros que foram de seu pai, o ex-presidente Affonso Penna (1906-1909).

Há situações ainda piores, como quando o governo determinou, em 1836, que todo o papel impresso na Tipografia Nacional fosse usado na fabricação de cartuchos. Num episódio mais recente, a Biblioteca Central da UnB (BCE) descartou, em poucos dias, milhares de livros de forma “indiscriminada”, de acordo com o pesquisador. A tese de Oto tem um capítulo específico sobre a situação da BCE. Durante a pesquisa, ele chegou a encontrar ali um conjunto de 12.500 teses doadas pela Xerox do Brasil, cujo valor estimado pela empresa é de U\$ 1.5 milhão, em situação de abandono.

Sua conclusão é que “não há instituições públicas no Brasil preparadas para cuidar dessas coleções”. O resultado, na maioria das vezes, é que ao sair da guarda do bibliófilo, elas voltam ao mercado, perdendo sua coesão, mas chegando às mãos de outro bibliófilo, num golpe de sorte. O comentário do entrevistado Antônio Carlos Secchin, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, colecionador de literatura brasileira e uma das maiores autoridades no assunto sugere um lado místico desse ciclo: “Livro não tem procedência, livro tem destino. Então chegou em quem o merece ter”. ■